



I SIMPÓSIO IBÉRICO

**A CAL NA ARTE E NO
PATRIMÓNIO EDIFICADO**

19–20 OUTUBRO 2017

LABORATÓRIO HERCULES - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Editores

Milene Gil
Patrícia Monteiro

Fotografia

Marta Santos
Paulina Faria
Patrícia Monteiro

Secretariado

Amália Fangueiro

Design Gráfico

Nuno Carriço

ISBN

978-989-99475-3-5



Índice

Apresentação	04
Acerca do projeto DB-HERITAGE	06
Acerca do projeto <i>A engenhosa arte do engano: argamassas decorativas com policromias no Alentejo (sécs. XVI-XVIII)</i>	07
Comissão Organizadora	09
Comissão Científica	10
Dia 1 - Comunicações Orais	12
Dia 2 - Comunicações Orais	29
Posters	43
Lista de Participantes	51

Alexandra Marco^{1,2}, Eduarda Vieira^{1,2}, Joaquim I. Caetano³, Manuela Pintado⁴ e Patrícia R. Moreira^{1,2,4}

1 Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa, Porto | email: prmoreira@porto.ucp.pt

2 CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes – Universidade Católica Portuguesa, Porto

3 ARTIS – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

4 CBQF – Centro de Biotecnologia e Química Fina – Universidade Católica Portuguesa, Porto

Apesar de grande parte do estudo da pintura mural a fresco estar por efectuar, esta expressão artística desenvolveu-se em Portugal com intensa actividade entre os séculos XV e XVI. No Norte de Portugal, devido a uma maior escassez da matéria-prima cal, a pintura apresenta frequentemente apenas uma camada de reboco, extremamente delgada, por oposição à usual utilização de duas camadas. O suporte destas pinturas foi quase exclusivamente o granito, uma rocha com boas propriedades físico-químicas para a execução de revestimentos de cal e tipologias decorativas associadas.

A degradação das pinturas murais, além da acção humana, está relacionada com a alta porosidade do substrato, sua natureza carbonatada, a presença de água nas paredes e as condições ambientais. A conjugação destes agentes é responsável pela perda significativa de área pictórica e das manchas negras inestéticas por biocolonização. No Norte de Portugal vários frescos dos séculos XV-XVI evidenciam esta alteração que mancha tanto os suportes como as pinturas – alteração de grande impacto estético que domina a atenção dos conservadores-restauradores na metodologia das intervenções.

Apesar do substrato dos frescos ser principalmente inorgânico, o depósito de partículas atmosféricas e a absorção de água por capilaridade, pode promover o desenvolvimento de fungos, que segregam metabolitos como ácidos orgânicos. Diversos fungos também produzem pigmentos que variam em função da espécie, dos constituintes da pintura mural, dos factores ambientais, entre outros.

O tratamento com biocidas é eficaz na erradicação dos organismos, mas não na remoção da pigmentação resultante do seu crescimento.

Para assegurar intervenções éticas e sustentáveis, é fundamental conhecer tanto a natureza e comportamento dos materiais, como o seu estado de conservação actual e a identificação dos agentes e factores de degradação.

Este trabalho pretende apresentar um estado da arte para este tema, incluindo os métodos mais comuns de abordagem em Conservação e Restauro para este problema.